PRODUÇÃO SOCIAL DA INFÂNCIA NO ENTORNO DO PARQUE NACIONAL SERRA DE ITABAIANA

Leonice Santana Ferreira dos Santos¹

RESUMO: O objetivo central deste trabalho é apresentar os resultados do projeto de pesquisa “Produção social da infância no entorno de uma unidade de conservação” desenvolvido nos povoados Bom Jardim e Rio das Pedras, localizados na área do entorno do Parque Nacional Serra de Itabaiana (PARNASI). O projeto tem como objeto de estudo a produção da infância, seu objetivo geral consiste em analisar as transformações provocadas pela criação do PARNASI em relação à produção da infância. Para tanto, os procedimentos metodológicos utilizados para se chegar aos resultados, consistiram em levantamento bibliográfico e coleta de dados junto às crianças, através do desenho associado à oralidade. Os resultados parciais obtidos mostraram que a população infantil é carente de informações que deem conta dos conflitos e da realidade socioambiental.

Palavras-chave: Meio Ambiente. Representações Sociais. Infância

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem o objetivo de apresentar os resultados do projeto de pesquisa “Produção social da infância no entorno de uma unidade de conservação” desenvolvido nos povoados Bom Jardim e Rio das Pedras, localizados na área do entorno do Parque Nacional Serra de Itabaiana (PARNASI). O trabalho tem como objeto de estudo a produção social da infância no entorno de uma unidade de conservação.

Este plano de trabalho tem como objetivo analisar as transformações provocadas pela criação do PARNASI em relação à produção da infância nos povoados estudados o que tem sido investigado com base nas representações sociais das crianças sobre o meio ambiente, uma vez que, a compreensão das representações sociais das crianças pode nos ajudar na reflexão e entendimento das dificuldades enfrentadas pela comunidade para se adaptar a nova realidade. Outro objetivo é que os resultados deste trabalho possam servir de subsídio para construção de projetos e ações voltadas para educação ambiental.

¹ Licenciada em Letras Português(UNIT), especialista em Educação Especial e Inclusiva. Mestranda em Educação(UFS/NPGED).E-mail:leonicefsantana@hotmail.com.

O pano de fundo deste trabalho é a realidade instaurada nessas comunidades após ter se tornado uma área de preservação ambiental. A criação do Parque deu origem a novas relações entre a comunidade e os órgãos públicos que passaram a influenciar no processo de socialização, inclusive das crianças que vivem na área, visto que após a implantação da unidade de conservação (UC) conflitos foram gerados e mudanças significativas ocorreram na vida dos moradores destas localidades causadas pelas imposições legais de proteção à área, que vão de encontro às atividades econômica desenvolvidas nos povoados e no modo de vida de seus moradores.

Com o objetivo de fundamentar teoricamente a pesquisa, procuramos realizar leituras sobre os três eixos temáticos que norteiam o trabalho, são eles: a questão ambiental nos povoados do entorno do PARNASI, representações sociais e infância.

O objetivo geral deste estudo reside em compreender a produção social da infância no entorno do Parque Nacional Serra de Itabaiana, tendo em vista as representações sociais do meio ambiente.

1. A QUESTÃO AMBIENTAL NAS COMUNIDADES DO PARNASI

O contexto no qual vivem as crianças estudadas é constituído pelas tensões sociais, culturais e econômicas produzidas pela implantação do Parque Nacional Serra de Itabaiana (PARNASI). Esta unidade de conservação foi criada em 2005, através de decreto presidencial, com uma área de 7966 ha, seu território abrange as serras de Itabaiana, Comprida e do Cajueiro, áreas cobertas por Mata Atlântica e Caatinga nas quais há presença de várias espécies de animais.

A problemática que se discute a cerca da criação de áreas naturais protegias, a exemplo da mencionada aqui, reside em um modelo de preservação ambiental importado dos Estados Unidos e que visa proteger áreas desabitadas, mas esta medida quando adotada em países de terceiro mundo pode trazer consequências desastrosas as populações que habitam essas áreas.

Um primeiro conjunto de problemas diz respeito ao tipo e às características das unidades de conservação existentes, pois as que são caracterizadas como prioritárias como parques nacionais, reservas biológicas e estações ecológicas não permitem a presença de populações humanas, mesmo as consideradas tradicionais que habitavam essas áreas por dezenas e até centenas de anos sem a depredarem... Em muitos casos, afirma ele, a expulsão dos moradores

das áreas transformadas em parques nacionais tem levado a um sobre-uso das áreas protegidas e de seus arredores pelos moradores muitas vezes reassentados de forma inadequada nas proximidades dessas áreas de conservação. (DIEGUES, 2001, p. 12)

No caso do PARNASI as comunidades que vivem em seu entorno tiveram suas vidas modificadas, a partir da instauração de uma nova realidade socioambiental, após se depararem com limites e restrições aos usos e aproveitamento dos recursos oferecidos pela Serra, uma vez que estes moradores sempre mantiveram relações de dependência com a mesma.

As mudanças ocorridas na vida dessas comunidades, em especial na relação com o meio ambiente diz respeito à maneira como os sujeitos absorvem este conhecimento, tudo o que sabem, pensam e as ideias que usam para expressar e mediar suas relações.

Partimos do entendimento de que o ambiente não diz respeito somente ao espaço físico no qual as espécies e as populações biológicas estão inseridas, mas “é uma categoria sociológica (e não biológica), relativa a uma racionalidade social, configurada por comportamentos, valores e saberes, como também por novos potenciais produtivos” (LEFF, 2001, p. 224). As restrições de uso do Parque pelos órgãos de administração e fiscalização geram conflitos e disputas de poder pelos usos legais dos recursos naturais. Conforme esclarece Mendonça (2010):

. “Foi constada a presença de olarias e cerâmicas, atividade de grande impacto ambiental e que contraria as restrições de uma área de proteção. para Mundês e os demais povoados do entorno do Parque a área tem vários significados dentre eles as atividades econômicas.” (MENDONÇA, 2010, p. 05)

Sejam os que possuem como atividade econômica as olarias e cerâmicas, ou aqueles que trabalham com a agricultura, todos os povoados do entorno possuem uma relação de dependência com a área. Estudos anteriores deram conta que dentre os atores sociais que possuem poder econômico maior, aliado ao conhecimento técnico conseguem se adequar as restrições legais e dão continuidade a sua produção econômica, ao passo que aqueles com condição econômica menos favorecida permanecem constantemente inseguros receosos de usar indevidamente os recursos que o Parque oferece e serem postos na ilegalidade. Ennes (2010) esclarece que:

Os agentes econômicos pouco capitalizados economicamente e com pouco conhecimento jurídico e, principalmente, os moradores dos

povoados mantêm-se numa condição de subordinação agravada pelos novos limites legais de uso da área da serra que os colocam com frequência na condição de ilegalidade” (ENNES, 2010, p.130)

É perceptível que novas relações sociais se estabeleceram nessas comunidades após se tornarem uma área de preservação ambiental e que este fato tenha alterado as representações sociais desses sujeitos, inclusive das crianças residentes nessas comunidades. Os saberes e valores construídos pela comunidade sobre a área os ajudam a localizar-se e movimentar-se enquanto membro daquele espaço social.

2. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Para realizar uma investigação das representações sociais dos sujeitos de nossa pesquisa foi necessário entrar em contato e apreender os conceitos da teoria das representações sociais de Moscovici (2009), sendo assim a discussão que travamos neste trabalho é construída a partir da teoria desse autor.

Quanto às representações sociais Moscovici (2009) esclarece que elas são:

Um sistema de valores, ideias e práticas, com uma dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambiguidades, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social. (MOSCOVICI, p. 21, 2009)

O estudo das representações sociais das crianças no entorno do PARNASI, justifica-se por contribuir para construção de um universo de informações que deem conta dos conflitos socioambientais instaurados nessas comunidades após a criação de uma unidade de conservação, ao passo que contempla as crianças enquanto sujeitos sociais imersos num contexto socioambiental. A compreensão das representações sociais das crianças pode nos ajudar na reflexão e entendimento das dificuldades enfrentadas pela comunidade para se adaptar a nova realidade, os resultados deste trabalho servirão de subsídio para construção de projetos e ações voltadas para educação ambiental. Ferreira (2007 p.9) enfatiza que:

O estudo da representação sobre meio ambiente é um caminho para aquisição de conhecimento, interpretação e reflexão dos diferentes olhares, valores, interesses, posições e práticas que circulam entre um

grupo, uma vez que, o conhecimento das representações ajudaria na construção de uma prática educativa e gestora mais comprometida. (FERREIRA, 2007, p. 9)

A respeito da importância de se compreender as representações sociais sobre meio ambiente Reigota (2006) explica que:

Todos professores, professoras, diretores, alunos, pais de alunos têm representações sociais que precisam ser conhecidas e discutidas, e que não se transmite conhecimentos sobre meio ambiente sem antes conhecer essas representações e colocá-las em discussão (REIGOTA, 2006, p.24).

Compreendemos que os adultos sejam eles pais, professores, diretores e todos aqueles que se relacionam diretamente com as crianças possuem representações sociais e se tornam em certa medida responsáveis pela construção das representações dos pequenos que somadas às informações obtidas através da mídia, ou do contato com outras fontes de informação contribuem para construir “uma maneira específica de compreender e comunicar o que sabem.” (MOSCOVICI, 2009, p.46)

No contexto específico do PARNASI, a transformação da área em uma unidade de conservação UC, colocou as comunidades residentes em seu entorno, numa realidade de conflitos e disputa de poder, entre a população e os órgãos que administram e fiscalizam o Parque, pelos usos e aproveitamento dos recursos naturais ofertados pela Serra. Este modelo de preservação ambiental configura-se como uma medida “desconectada das aspirações e necessidades das populações locais” (DIEGUES, 2000, p.2), uma vez que, a criação dessas áreas acaba por desconsiderar a população humana, privilegiando assim a preservação da vida selvagem, gerando conflitos e alterando as representações sociais que os sujeitos possuem do meio.

Para Moscovici (2009)

As mudanças dos interesses humanos podem gerar novas formas de comunicação, resultando na inovação e na emergência de novas representações. Representações, nesse sentido, são estruturas que conseguiram uma estabilidade, através da transformação de uma estrutura anterior. (MOSCOVICI, p.21,2009)

Dentro dessa descrição podemos enquadrar a implantação do PARNASI, que criou uma nova realidade e conseqüentemente fez emergir novas representações sociais que dessem conta de lidar com a nova estrutura social. Para Reigota “toda forma de

pensar se insere numa situação histórica-social concreta e deve ser compreendida sempre tendo-se em vista sua configuração coletiva específica”. (p. 68, 2007)

É fundamental compreender que os modos de pensar e agir dos indivíduos não são provenientes do acaso, mas são frutos da interação que exercem com o meio, isto ocorre em todas as fases da vida, independentemente da idade do indivíduo. A esse respeito Faria, Prado e Dermatini, consideram que “o ambiente social influencia a produção infantil” (2009, p.71).

Percebe-se que os sujeitos atribuem à aprendizagem sobre os conhecimentos do meio ambiente somente as instituições ou grupos humanos mais próximos da comunidade. Contudo, é importante reconhecer que eles podem ser socializados e construir representações sociais no ambiente do qual fazem parte ou em outros mais distantes da vivência diária. Sobre a socialização (CASTELLS, 1999, p.79)

As pessoas se socializam e interagem em seu ambiente local, seja ele a vila, a cidade, o subúrbio, formando redes sociais entre seus vizinhos. Por outro lado, identidades locais entram em intersecção com outras fontes de significado e reconhecimento social, seguindo um padrão altamente diversificado que dá margem a interpretações alternativas...contudo, não creio que seja preciso afirmar que ambientes locais, per se, não induzam um padrão específico de comportamento ou, ainda, justamente por isso, uma identidade distinta.(CASTELLS, 2000, p.79)

Este argumento nos ajuda a pensar a infância no PARNASI, e entender como o contexto descrito aqui reflete na vida desses indivíduos, a medida que constroem significados, e aprendem a lidar com a nova realidade. Subtende-se que a implantação do PARNASI em 2005, tenha alterado as representações sociais das crianças e isso se reflita no processo de reconhecimento delas enquanto moradoras dos povoados e na construção de valores que são reiterados na prática.

3. INFÂNCIA

Pelo fato de investigar a infância associada à questão ambiental, tornou-se necessário saber quem são as crianças que vivem nas comunidades do entorno, o que pensam a respeito da criação do Parque, como e com quem aprendem sobre o Parque, como percebem o meio no qual estão inseridas.

Segundo Faria, Demartini, Prado (2009):

Investigar a infância, portanto, requer do pesquisador conhecimento da história e da condição social da criança. Em contrapartida, pesquisar a relação infância, escola, e toda a gama de relações aí imbricadas, exige do investigador a compreensão dos elementos constituídos da história da educação, da infância, da pedagogia e da escola. (FÁRIA, DEMARTINI , PRADO,2009, p.38) .

Faz-se necessário nos dias de hoje aprender a ouvir as crianças e os jovens, visto que, na cultura atual a produção social das crianças é vista sob a ótica do adulto e por este desprezada. Corsaro (2011) explica que:

Na vida atual, as necessidades e os desejos das crianças são muitas vezes considerados como causa de preocupação por adultos, como problemas sociais ameaçadores que precisam ser resolvidos. Como resultado, as crianças são empurradas para as margens da estrutura social pelos adultos, (incluindo teorias sociais), mais poderosas, que se concentram, muitas vezes, nas crianças como potencial e ameaça para as sociedades atuais e futuras(CORSARO, 2011, p.18)

Faria, Demartini, Prado (2009) enfatizam que a criança enquanto ser social, somente, é eleita objeto de pesquisa, a partir de questões que envolvem o processo de democratização do ensino no Brasil, na busca de fornecer subsídios metodológicos para a formação de professores que trabalhem com crianças.

A ausência de estudos que as contemplam como sujeitos de pesquisa é algo que chama à atenção. Há quem afirme que elas foram por muito tempo negligenciadas, enquanto sujeitos de investigação nas ciências sociais, Corsaro, (2011, p.18) explica que “as crianças foram marginalizadas na sociologia devido a sua posição subordinada nas sociedades e às concepções teóricas de infância e de socialização”. Esta entendida aqui como “processo pelo qual as crianças se adaptam e internalizam a sociedade”(CORSARO, 2011).

Mas, nos últimos anos esse cenário tem se alterado e tem aumentado o número de investigações a cerca dos pequenos, isto é significativamente animador. Este fenômeno tem dado margem à busca por metodologias de pesquisa que deem conta do universo infantil, à medida que, o olhar “adutocêntrico” do investigador seja constantemente revisto. No que se refere às metodologias aplicadas em pesquisas com crianças, Faria, Demartini, Prado (2009) deixam claro que “o melhor método para estudar e entende-las é ouvindo-as, dessa maneira o pesquisador tende a fugir da visão

predominante do adulto”. Salientam ainda, a necessidade de estabelecer com o entrevistado um vínculo inicial para depois dar início ao trabalho investigativo.

Por tudo isso, pesquisar a infância constitui-se em um desafio para aqueles que escolhem as crianças como sujeitos de sua pesquisa, mas esta tarefa além de ser desafiadora também é instigante.

4. METODOLOGIA

A respeito da opção metodológica que se utilizou para obter os resultados que aqui são descritos, se estende pelo levantamento bibliográfico a cerca das frentes temáticas que norteiam a pesquisa, e somado a isso, os dados obtidos no contato direto com as crianças.

Por se tratar de pesquisa com crianças foi necessário obter a autorização dos responsáveis, por isso tivemos o cuidado de documentar a autorização através da assinatura de um termo no qual eles consentiam que seus filhos fossem entrevistados.

Mas o consentimento não partiu somente dos pais ou responsáveis, o trabalho só foi iniciado quando a criança aceitou participar da pesquisa, essa postura foi adotada porque acreditamos ser importante respeitar a criança e ao mesmo tempo compreender os seus limites, seja no que diz respeito ao momento de iniciar ou encerrar a entrevista, sendo que isso exige sensibilidade quando o pesquisador estiver no campo em contato direto com aqueles que deseja pesquisar. Segundo Delgado e Muller (2005) “podemos negociar com as crianças todos os aspectos e etapas das investigações: a entrada no campo e nossos objetivos, quais crianças querem realmente participar da pesquisa e contribuir com a coleta de dados”.

Durante nossa visita à comunidade utilizamos como instrumento de pesquisa o desenho infantil associado à oralidade, técnica discutida por (FARIA, PRADO e DERMATINI, 2009) na obra, Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças, quando dizem que:

“a produção do desenho infantil e a oralidade; aquilo que é dito enquanto se produz tem grande importância contribuindo para a educação do olhar do adulto tantas vezes desavisado, insensível, distante dos pequenos e pequenas com os quais pesquisa e trabalha.” (FARIA, PRADO e DERMATINI, 2009,p.74)

Essa técnica foi utilizada da seguinte maneira: Inicialmente pedimos que as crianças desenhassem o lugar onde moram, achamos por bem não dizer muita coisa a respeito do que queríamos por que pensamos que isso poderia induzi-las a reproduzir no papel nossa conversa antecipada, por isso somente propomos o desenho de onde moram e explicamos que podiam desenhar aquilo que achavam bonito, que mais gostavam, ou até o que viam de feio. Demos tempo e liberdade para que produzissem. Optamos por nos afastar um instante do espaço em que trabalhavam em suas produções para que não se sentissem intimidados com nossos olhares. A princípio procuramos manter a neutralidade sobre qualquer assunto.

Passado algum tempo e com os desenhos prontos, optamos por iniciar a conversa e análise dos desenhos, então perguntamos o que tinham desenhado, porque tinha escolhido desenhar aquilo. Perguntas como essas conduziram as conversas, as quais se somaram as informações contidas nos desenhos possibilitando ampliar o universo de informações das crianças da comunidade.

Essa metodologia foi desenvolvida com crianças na faixa etária de 4 a 10 anos, os desenhos foram produzidos na casa dos entrevistados, durante a ocasião conseguimos reunir grupos de amigos os quais realizaram suas produções em espaços compartilhados. Acredito que o fato de desenharem no espaço de suas casas ou dos amigos tenha os deixados mais soltos e envolvidos com as produções, o mesmo ocorreu durante a conversa, à medida que iam explicando o desenho, o porquê de terem desenhado isso ou aquilo, se mostravam mais confiantes por estarem na presença de seus pares. Entre risos, falas e os traços que surgiam no papel elas revelavam um pouco da infância vivida naquele contexto social.

A utilização do desenho infantil conjugado a oralidade torna-se um instrumento metodológico importante por:

“anunciar a possibilidade e a fecundidade de uma relação dialética que leve em conta a plasticidade dos comportamentos, sua vinculação às mudanças de caráter social, histórico e cultural e, mais ainda, que considere a criança, como ser social que é alguém que nesse movimento, também se apropria e constrói cultura”. (FARIA, PRADO E DERMATINI, p. 98, 2009)

Para analisar os desenhos procedemos da seguinte maneira: realizamos uma comparação a partir do gênero de seus autores, para tanto dividimos em dois grupos os desenhos dos meninos e o das meninas, depois procedemos com a análise do tamanho

das figuras em relação ao da folha, posicionamento dos desenhos (no centro, nas laterais ou cantos da folha), repetição dos desenhos, visto que, há elementos que foram repetidos diversas vezes, os elementos que aparecem nos desenhos, representações da natureza ou de construções humana.

Todos esse fatores foram levados em conta no momento da análise, além disso utilizamos o material coletado a partir das conversas desenvolvidas durante a produção dos desenhos.

O contato direto com os sujeitos de nossa pesquisa, a oportunidade de ouvi-los e de se inserir nos espaços que eles habitam foi de fundamental importância para compreender a produção social da infância no PARNASI e identificar até que ponto a questão ambiental instaurada na comunidade, após a criação da Unidade de Conservação alterou a vida desses indivíduos, no que diz respeito ao processo de socialização.

Num primeiro momento, foi percebido que os elementos da natureza fazem parte das representações sociais das crianças do entorno, ainda que a serra não apareça nos desenhos e que a natureza seja retratada em desenhos que se refiram a árvores frutíferas, plantas e flores cultivadas nos arredores das casas.

Preliminarmente foi constatado que a serra e conseqüentemente o Parque Nacional Serra de Itabaiana, são visto como algo geograficamente distante das crianças, durante uma conversa uma das crianças expôs a vontade de conhecer a serra, logo em seguida disse: “mas é longe...se for sozinho se perde”.

É importante registrar aqui que os assuntos relacionados a serra somente surgiram após os pesquisadores colocar este assunto em discussão, uma vez que durante a produção do desenho e logo depois quando iniciamos a conversa para discutir as produções notamos que os elementos que eram registrados não diziam respeito ao PARNASI.

A análise dos desenhos e das conversas desenvolvidas durante a produção dos mesmos nos ajudou a pensar a infância no povoado estudado tendo como pano de fundo a implantação do PARNASI. Segundo Dedyk “muitas vezes, a interpretação verbal efetuada pela criança é mais rica e criativa que o próprio desenho, sendo este o suporte da fala, da narração”. (2004, p.95). A fala consegue ampliar a compreensão do desenho à medida que retira a interpretação apenas do plano visual.

Compreendemos o quanto a questão ambiental ainda é pouco discutida, as crianças em nenhum momento citaram a unidade de conservação. A serra foi posta em discussão,

mas não como algo que chamasse a atenção das crianças, sobretudo o discurso dos pequenos colocou a serra como algo ‘desconhecido’, mesmo que a vejam de suas casas, ela ainda é ‘desconhecida.’ Fatos como este nos faz questionar como a implantação do PARNASI alterou a produção da infância nessa comunidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados obtidos até o momento apontam que o PARNASI não faz parte do universo infantil, as crianças ainda se mostram alheias ao fato de estar inseridas num contexto socioambiental, ao que parece os pequenos são carentes de informações que deem conta da realidade local e que os levem a refletir os problemas da comunidade. Esse dado é preocupante, quando nos damos conta que estes sujeitos não têm acesso ao conhecimento a nível local, ou seja, as especificidades do próprio grupo.

Através dos desenhos nos damos conta que há um aparente distanciamento entre as crianças e o PARNASI, apesar de árvores, flores, gramas aparecerem nos desenhos a fala das crianças esclareceram que esses elementos são da serra, mas as plantas e árvores frutíferas dos arredores de suas casas.

Os resultados obtidos foram suficientes para suscitar outras questões que nos ajudará a compreender melhor a socialização das crianças relacionada à implantação do Parque. Uma dessas questões diz respeito à função da escola frente à realidade socioambiental do povoado e a conscientização de seus moradores.

Acreditamos que o aprofundamento deste estudo através da compreensão das representações sociais das crianças podem nos ajudar na reflexão e entendimento das dificuldades enfrentadas pela comunidade para se adaptar a nova realidade, os resultados deste trabalho podem servir de subsidio para construção de projetos e ações voltadas para educação ambiental, em especial o estudo de conceitos presentes na realidade local.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. 6.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CORSARO, William. **Sociologia da Infância**. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- DELGADO, A. C. C., MÜLLER, F. (2005) “**Sociologia da Infância: pesquisa com crianças**” *Educação e Sociedade*, vol. 26, n. 91, p. 351-360. Campinas Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a02v2691.pdf> acesso em 05 de fevereiro de 2013
- Derdyk, Edith. **Formas de pensar o desenho infantil**: desenvolvimento do grafismo infantil. 3ª ed. São Paulo: Scipione, 2004
- DIEGUES, Antônio Carlos. **O mito moderno da natureza intocada**. 3ª ed. São Paulo: HUCITEC, 2001.
- _____. Etnoconservação da natureza: enfoques alternativos. In: _____. **Etnoconservação: Novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos**. 2ª ed. São Paulo: HUCITEC, 2000.
- ENNES, Marcelo Alário: Reestratificação social em áreas de preservação ambiental: o caso dos povoados Bom Jardim e Mundês em Itabaiana/SE. **Cadernos CERU**. Vol. 21, n. 1. São Paulo, 2010, p. 129- 144
- FARIA, Ana Lucia Goulart de. DERMATINI, Zeila de Brito Frabi. PRADO, Patrícia dias. **Por uma Cultura da Infância**; metodologias de pesquisas com crianças. 3. ed. Campinas, São Paulo, 2009.
- FERREIRA, Carla Fernanda et al. Análise das representações sociais sobre meio ambiente de técnicas e professores das secretarias de educação e meio ambiente de municípios da bacia de Campos - RJ. **Atas do VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Ensino de Ciências**, Florianópolis, SC, 2007. p. 1-12
- LEFF, Enrique. **Saber Ambiental**. 2º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001
- MENDONÇA, Manoel Messias: Identidade, poder e meio ambiente, 2010/1. Relatório parcial de Pesquisa-**PICVOL**. UFS/Itabaiana.
- MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais**: investigações em psicologia social. 6.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 2006.